

Ser peão na era do Agronegócio¹: O trabalho de peões de manejo, tratadores de gado e peões de rodeio em “Pecuárias”

Natacha Simei Leal²

Resumo: Nas ciências sociais e na literatura brasileira a figura do vaqueiro, do homem “rude” que lida com animais nas zonas rurais é recorrentemente tomada como objeto de análise. Câmara Cascudo, Guimarães Rosa e de certa maneira, Antônio Cândido, trataram desse “tipo humano.” Na era do agronegócio vaqueiros assumem novos papéis. Contemporaneamente, peões e vaqueiros, além de lidarem com o gado, conhecem um pouco de genética, fazem inseminações artificiais, moram nas cidades e viajam dezenas de vezes por ano para apresentar animais premiados em suntuosas feiras de pecuária. O presente trabalho trata desses atores. Fruto de observações de campo realizadas em três exposições agropecuárias, essa pesquisa pretende mostrar como peões trabalham nesses eventos, como lidam com o deslocamento como uma constante, com o “campo” e com os novos conhecimentos e práticas da produção agroindustrial.

Palavras-chave: Vaqueiros, feiras de pecuária, agronegócio.

Guimarães Rosa, Câmara Cascudo, Antônio Cândido trataram de sujeitos do campo, de homens rudes que realizavam tarefas em comunidades rurais, descreveram o modo de vida de vaqueiros, peões, sitiantes, camaradas.

O vaqueiro Mariano de Rosa ou o caipira de Bofete de Cândido reaparece contemporaneamente com novas roupagens. Não é mais o sujeito acanhado e isolado nas fazendas, além de saber lidar com gado, conhece um pouco de genética, muitas vezes sabe como conduzir uma inseminação artificial, viaja dezenas de vezes por ano para apresentar reses em suntuosas feiras de pecuária.

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

² Mestranda do programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (USP), pesquisadora do NAU (Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo). Esse artigo apresenta parte das reflexões que vêm sendo elaboradas para a pesquisa de mestrado.

Tenho desenvolvido uma pesquisa que pretende entender esse fenômeno: compreender como vaqueiros trabalham numa era em que a tecnologia e o agronegócio ganham espaço. O que faço é tomar um tema clássico para a literatura e ciências humanas brasileiras e descrevê-lo dentro de contextos contemporâneos.

Feiras agropecuárias são espaços bastante elucidativos para mostrar como o Agronegócio se desenvolve. Os estandes de produtos veterinários, rações especiais, órgãos oficiais, tecnologia genética, vacinas, insumos, as apresentações de reses milionárias dão conta de demonstrar os rumos que a produção da agricultura e pecuária tomam no Brasil.

Acrescente –se ainda que esses eventos têm bastante apelo popular. Cidades pequenas, médias e grandes realizam anualmente exposições agropecuárias. Jovens, crianças, famílias, pessoas de variadas classes sociais vão a esses eventos para ver de perto a produção agroindustrial e celebrar “o campo” através da participação nos rodeios, bailes, shows de música sertaneja, ao degustar as inúmeras iguarias das lanchonetes itinerantes instaladas nesses eventos.

A nova forma do vaqueiro Mariano também está presente nessas feiras. Os tratadores de gado, peões de manejo e peões de rodeio estão por trás dos maiores eventos das exposições. Nos bastidores dos grandiosos leilões, julgamentos, apresentação de animais e rodeios estão esses atores lidando com o gado com a mesma destreza e habilidade que seus pais ou avós. A diferença é que hoje os bois são mais famosos que muitos homens (vide Touro Bandido³) e valem mais dinheiro que muitas propriedades rurais.

1. A pesquisa

Essa pesquisa vem sendo realizada para a obtenção do título de mestre em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). É fruto de observações de

³ O Touro Bandido é um dos personagens mais famosos das festas de peão e feiras de pecuária. Na internet, existe até um site dedicado a esse animal. Esse site contém fotos e vídeos dos rodeios em que “O Bandido” participa. Duzentos peões já tentaram permanecer oito segundos no lombo desse touro (nas provas de rodeios, os peões lutam para permanecer esse tempo sob bois ou cavalos), mas nenhum peão, até hoje, conseguiu ficar mais de quatro segundos em cima do “Bandido”. Clones do “Bandido” já foram criados, no Brasil existem seis animais com o mesmo código genético desse touro. Ver página da internet: (<http://tourobandido.globo.com/principal.asp>)

campo realizadas em três feiras de pecuária: Expô Londrina (em Londrina – PR), Feicorte (São Paulo- SP) e Expogrande (Campo Grande -MS).

O trabalho de campo realizado nessas três exposições agropecuárias teve o objetivo de acompanhar as atividades realizadas pelos vaqueiros nesses contextos. Por trás dos maiores eventos de feiras de pecuária – julgamentos, exposições , apresentação de animais – está o trabalho desses atores.

As várias feiras de pecuária que acontecem por todo o Brasil funcionam como uma espécie de etapa de uma grande competição. Esses eventos dispõem em sua programação leilões, julgamentos e apresentações de animais. Para os produtores rurais é interessante participar de muitas feiras de pecuária para ter um rebanho composto de reses campeãs. Nesses eventos os produtores conseguem apresentar seus animais, arrematar novas matrizes para seus rebanhos nos leilões, trocar informações com outros fazendeiros e com representantes de institutos de pesquisa e de órgãos oficiais.

Como os produtores rurais, os vaqueiros também se fazem presentes em feiras de pecuária. Durante todo ano viajam por esses eventos para zelar do gado apresentado nas exposições, julgamentos e leilões. O conjunto das feiras de pecuária que acontecem por todo o Brasil acaba por constituir uma grande rede⁴ mediada pelas trocas exercidas pelos

⁴ A idéia de rede vem sendo bastante apropriada por vários estudiosos das ciências humanas: antropólogos, sociólogos, geógrafos e comunicólogos. Apesar de ser uma das discussões “da moda” no campo das ciências, a noção de rede não surge com Latour ou Castells. Na Antropologia esse conceito é bastante antigo, Radcliff – Brown no artigo “On Social Structure” (1940) usou o termo rede para caracterizar a noção de estrutura social, para explicitar que as distintas formas humanas eram conectadas por redes de relações sociais. Outros autores como Mayer, Hannerz e Barnes definiram o conceito de rede mais precisamente. Para Barnes, por exemplo, as redes eram campos sociais formados pelas relações entre pessoas, não eram campos sociais dados, mas construídos pelos atores que deles participam. No caso dessa pesquisa, uso o termo rede , para explicitar de que maneira os vários atores que trabalham, passeiam ou viajam por todos esses eventos mantêm afinidades e relações (afetivas, econômicas, de trabalho). Todos esses eventos estão conectados não só pela força simbólica do agronegócio, pela “economia” do campo ou pelo Estado e sociedades de classe que organizam esses eventos , mas sim pelas trocas realizadas por vários atores que participam deles. Os vários atores que viajam por esses vários eventos que ocorrem por todo Brasil, acabam por dividir os mesmos códigos e ser os grandes conhecedores desses contextos. Os encontros e trocas desses atores – especificamente vaqueiros - que participam desses eventos formam “a rede” que pretendo aqui descrever.

atores que dela participam e pelas atividades que acontecem em cada uma dessas exposições.

A “simplicidade” e a “rudeza” do vaqueiro ganham um outro “tom” nas exposições. A maioria deles vive ou viveu em propriedades rurais e lá aprendeu a trabalhar com os animais. Em feiras agropecuárias exercem distintas tarefas que os definem como: tratadores de gado, peões de manejo ou peões de rodeio.

Viajar e se deslocar por exposições é uma constante na vida de tratadores, peões de manejo e peões de rodeio. No entanto, apesar de serem todos “peões”, ocupam espaços e importâncias distintas nesse universo.

Os tratadores de gado são funcionários de fazendas que apresentam reses nesses eventos de Agronegócio. Nas exposições de pecuária são responsáveis pelo trato e zelo com os animais, mostrar para possíveis compradores as reses que permanecem nos pavilhões de exposição e apresentar bovinos e eqüinos nas pistas de julgamento ou leilões.

Já os peões de manejo permanecem nos “bastidores” das exposições. São “free –lancers” de empresas leiloeiras (organizações que promovem os leilões) .Trabalham com “o manejo” de animais em grandes cercados localizados atrás dos recintos onde acontecem os leilões. Eles são os trabalhadores responsáveis por receber, apartar, marcar e encaminhar os animais para serem arrematados.

Os peões de rodeio, cujas tarefas são as mais conhecidas, realizam atividades que pouco tem a ver com a compra e venda de animais. Lidam com a parte mais “lúdica” das feiras, com o espetáculo, com a festa. Quase sempre, em feiras agropecuárias, acontecem rodeios. Todavia é preciso destacar que feiras agropecuárias são eventos diferentes das festas de rodeio.

O Agronegócio é fio condutor das feiras agropecuárias, nelas estão expostos insumos agrícolas, produtos veterinários, bovinos, eqüinos, há comercialização de animais. As festas de rodeio são eventos exclusivamente ligados ao lazer, à diversão das populações que se dirigem a esses encontros de montaria para se divertir.

Não é incomum encontrar peões de rodeio que viraram tratadores ou peões de manejo que entre os trabalhos de uma e outra exposição montam em bois ou cavalos. Ainda que as atividades exercidas por esses trabalhadores nas exposições sejam distintas, todos esses peões (ao realizar esta ou aquela tarefa) conhecem esse universo. Mais do que

isso! O trabalho que exercem nas feiras e exposições está por trás de toda a dinâmica de apresentação, compra e venda desses eventos.

2. Cidade, campo e Agronegócio⁵;

Nesses contextos de feiras de pecuária a velha dicotomia rural X urbano não parece suscitar grandes problemáticas para tratadores de gado, peões de manejo e peões de rodeio. Esses atores sabem que a produção agroindustrial envolve atividades realizadas tanto nas cidades como no campo. Muitos me diziam que *“Exposição é coisa do campo mas só nas cidades que podem acontecer”*.

Na fala desses atores está sempre presente a idéia, bastante veiculada pela mídia, de que o Agronegócio envolve vários elos da produção e que o trabalho que executam é fundamental para o funcionamento dessa “cadeia”. O Agronegócio veicula a idéia de que o rural e o urbano estão num mesmo plano. E como engloba vários “elos” da produção agropastoril, ajuda a reforçar um discurso que valoriza as atividades realizadas por todos os trabalhadores envolvidos na produção agroindustrial.

Tal discurso coloca o trabalho dos vaqueiros que lidam com o gado nas exposições, por exemplo, no mesmo patamar de importância com o trabalho exercido pelos

⁵ O termo agribusiness aparece pela primeira vez no ano de 1957 num texto publicado pelos professores John Davis e Ray Goldberg da Universidade de Harvard. O artigo “The Genesis and Evolution of Agribusiness” destaca que a produção agrícola e pastoril deveria ser entendida não só no contexto das propriedades rurais, mas sim de um modo mais sistêmico, englobando a soma de todas as operações e participantes envolvidos na produção, processamento, marketing, compra e venda dos produtos do campo, desde as fazendas até o consumidor final. A “visão sistêmica” da produção agrícola e pastoril ganha força no Brasil, sobretudo, a partir dos anos oitenta.

Os teóricos dessa área costumam utilizar as expressões “antes da porteira”, “pós porteira” e “dentro da porteira” para cunhar todas as etapas que fazem parte das atividades do agronegócio. Os setores “antes da porteira” são os fornecedores de insumos e tecnologia para a produção do campo (implementos, máquinas, medicamentos, sementes, defensivos, conhecimentos da genética). O setor “dentro da porteira” opera com as atividades que ocorrem dentro das propriedades rurais (criação de animais, plantio) e os setores “pós porteira” lidam com a industrialização, distribuição, embalagem, marketing, armazenamento e consumo dos produtos. Essas expressões dão conta de explicitar de que maneira a especialização e o desenvolvimento tecnológico ganham espaço na “era do agronegócio”.

veterinários ou pesquisadores que estão por trás das misturas genéticas realizadas nos laboratórios para produzir novas raças de animais. A idéia do Agronegócio, de entender as atividades “antes da porteira”, “dentro da porteira” e “pós porteira” como parte de um mesmo processo, produz um discurso político – especialmente apropriado por peões no contexto das exposições– que tenta desfazer algumas hierarquias, enfatizando a idéia de que o serviço realizado por todos os atores envolvidos – sejam eles mais ou menos estudados e melhor ou pior remunerados – são essenciais para que essa cadeia funcione e gere lucros.

Nas conversas dos tratadores de gado, peões de manejo e peões de rodeio está sempre presente a idéia de que o aprimoramento genético e as técnicas do agronegócio (no sentido de vender mais e melhor) são conhecimentos necessários para as exposições agropecuárias e também para o trabalho que realizam. Esses peões sabem que a pecuária requer conhecimentos cada vez mais especializados e acham isso muito importante

Esses atores, no entanto, duvidam se o investimento dedicado ao ensino formal é interessante. Nas nossas conversas muitos peões diziam que existe “muita gente estudada” sem emprego e que as tarefas que realizam estão mais ligadas à prática, que vêm de berço. Para legitimar os seus conhecimentos na lida com o gado gostam de dizer que seus pais e avós “eram de fazenda” e que desde crianças aprenderam a mexer com os animais.

Do discurso e do cotidiano desses vaqueiros faz parte inseminações artificiais, touros milionários, genética altamente qualificada, viagens por inúmeras feiras de pecuária, suntuosos leilões, premiações nos julgamentos, fertilização *in vitro*. Mas quando esses peões necessitam legitimar o seu papel enquanto vaqueiros acionam termos ligados ao campo: a idéia de tradição, de “ser do rural”, da “lida com o gado”.

Saber onde ocorrem as melhores feiras agropecuárias, conhecer as raças de animais criadas em laboratório, atuar com veterinários para realizar inseminações artificiais não contribui para que esses peões deixem de desenvolver a lida com a gado com primazia. Como os vaqueiros do Pantanal ou os vaqueiros do sertão nordestino , os peões que trabalham em contextos de feiras de pecuária e de agronegócio também lidam com animais.

A diferença é que os animais de que tratam custam milhares de reais, são gerados em laboratórios e passam mais tempo viajando entre exposições de pecuária do

que nos pastos das fazendas. As reses que peões de manejo, peões de rodeio e tratadores de gado lidam nas feiras são como modelos que desfilam em várias semanas de moda. Não apresentam vestes de grifes famosas, mas possuem na genética traços que fazem com que suas carnes sejam colocadas no mercado no menor tempo possível.

3. O trabalho de peões em feiras de pecuária;

Os serviços realizados por vaqueiros nas feiras de pecuária é parecido com o que é realizado nas fazendas e propriedades rurais. Os peões de manejo, tratadores de gado e peões de rodeio também têm que separar, apartar, amansar, transportar e alimentar os animais nos julgamentos, leilões, rodeios e apresentação de animais.

Os tratadores de gado passam o dia nos pavilhões de exposição. Nesses espaços alimentam, banham e tratam as reses expostas. Para esses animais permanecerem expostos é necessário um intenso trabalho nas fazendas e feiras também. Essas reses precisam ser amansadas para acostumar-se com a viagem como uma constante e com o público que frequenta “Pecuárias”. O gado que participa desses eventos é criado como um animal doméstico. Os tratadores de gado tratam desses animais desde bezerrinhos, como cães ou gatos que elegem um dono, muitas vacas e touros que participam de feiras de pecuária só se alimentam na presença do vaqueiro que sempre os acompanha.

Esses peões sempre estão em alerta com o gado exposto nos pavilhões, além de zelar por esses animais, esses atores são responsáveis por apresentar a possíveis compradores os animais à venda. Nesses momentos é exigido dos tratadores a capacidade de vender bem, de conhecer as características que definem um bom animal.

Tratadores também atuam nos julgamentos de animais. Esses eventos são atividades importantíssimas para as feiras de pecuária. Os julgamentos de animais que acontecem nas “Pecuárias” funcionam como uma das provas de uma grande competição: o ranking dos mais prestigiados animais do país. Anualmente associações de criadores de bovinos lançam uma listagem (um ranking) dos melhores criadores do Brasil. Esse ranking é resultado da somatória dos resultados dos vários julgamentos que acontecem ao longo de um ano nos eventos de Agronegócio.

Um prêmio em um julgamento dá a rês um maior valor de mercado. Num leilão, por exemplo, os animais premiados custam mais. Os descendentes de animais premiados, como filhos ou netos, também têm maior valor por terem “na genética” traços de seus ascendentes que caracterizam o padrão de determinada raça.

Os julgamentos de animais são uma espécie de vitrine que evidencia de que maneira é preciso um intenso trabalho tecnológico e científico para a pecuária contemporânea. Primeiramente pela necessidade da constituição de um padrão para cada raça de animal (que requer um intenso trabalho no campo e nos laboratórios também), depois porque os julgamentos são organizados a partir de um rígido controle que tem por objetivo mapear e premiar os melhores animais do país.

Os tratadores de gado são os vaqueiros responsáveis por apresentar os animais julgados nesses eventos. Uma boa apresentação, muitas vezes, faz com que uma rês ganhe o prêmio. Esses vaqueiros utilizam de técnicas para mostrar o animal da melhor maneira possível para a comissão julgadora ao desfilar com o gado nessas ocasiões. Um animal premiado, que ganha as melhores posições no “ranking” nacional é a prova de que o trabalho desses vaqueiros não foi em vão. Nesses momentos os tratadores de gado também se tornam um pouco campeões.

Para o êxito e sucesso de leilões de animais é preciso o trabalho tanto de tratadores de gado quanto de peões de manejo. Esses atores executam tarefas em conjunto porque os leilões são organizados e promovidos pelas fazendas que apresentam animais em feiras de pecuárias (empregadoras de tratadores de gado) e por empresas leiloeiras (empregadoras de peões de manejo).

As fazendas de pecuária são as promotoras dos leilões⁶, são as anfitriãs, vendem animais e convidam produtores rurais a participar desses eventos. Já as leiloeiras

⁶ Em um dos leilões que fiz trabalho de campo, anotei várias expressões ditas pelos leiloeiros para estimular compras. Um comprador que demorou para dar lance foi chamado pelo leiloeiro de “gigante adormecido”. Quando o leiloeiro quis vender uma novilha descendente de animais premiados disse que aquela rês “era uma semente de qualidade saída do forno”, que era capaz de “fazer a cabeça de qualquer plantel”. Se os lotes apresentados demoravam para receber lances, o leiloeiro dizia que “não era qualquer um que tinha feeling para escolher aquele animal”. Os leiloeiros também costumam falar sobre o arqueamento das costelas das reses, sobre a genética (normalmente adjetivada com termos como “sensacional”, “qualificada”) e sobre a

são organizações contratadas pelas fazendas para gerenciar os leilões, atuando tanto na organização da compra, apresentação e venda dos animais, como na promoção da festa que acontece nos leilões (jantares, almoços, apresentações musicais e bebericagem).

Para os tratadores de gado, os leilões⁷ são eventos bastante especiais. Primeiramente porque antes de um leilão começar, tratadores – vestidos com belos uniformes da fazenda onde trabalham – desfilam com os animais fora da pista, em frente aos recintos onde ocorrem os leilões. Nesses momentos, esses peões – quase sempre muito bem arrumados – são vistos com outros olhos pelos freqüentadores desses eventos.

Depois, porque numa certa altura do leilão, quando o serviço de apresentar os animais acaba, muitos tratadores participam da festa. Como os demais freqüentadores, bebem, comem, paqueram, enfim, se divertem nos leilões. Essas ocasiões são comemorações tanto para produtores rurais como também para funcionários das fazendas.

Já os peões de manejo, além de apresentar as reses para os compradores na pista, são responsáveis por organizar a entrada e saída dos animais que chegam ao parque de exposições para os leilões, separar as reses em ordem de apresentação para serem arrematadas, esperar os proprietários dos animais buscarem as reses adquiridas. Para os peões de manejo, os leilões são exclusivamente trabalho.

Os peões de manejo permanecem, de fato, nos bastidores dos leilões. Homenagens feitas pelos organizadores e promotores desses eventos sempre são dirigidas para os tratadores de gado. Aos peões de manejo, cabe realizar as tarefas mais árduas: o corre-corre entre os bretres e a pista de apresentação dos leilões.

Atrás dos recintos onde ocorrem os leilões existe um imenso curral. É um espaço bastante amplo com várias baias aptas a abrir e fechar conforme a necessidade de

fertilidade da vaca ou touro. Para realçar a capacidade de gerar descendentes campeões usam expressões como “ela tem nobreza” ou “olha a performance que ela tem”.

⁷ Nos últimos anos os leilões têm sido transmitidos via satélite para redes de televisão. Pelo telefone, compradores interessados podem dar lances e arrematar reses. Esses eventos são transmitidos ao vivo e empresas de televisão que apresentam em sua programação esse tipo de comercialização, disputam os melhores leilões. Um leilão nunca é transmitido por duas empresas de televisão ao mesmo tempo. Essas empresas compram o direito de apresentar em sua grade de programação um leilão específico. Enquanto os leilões são transmitidos ao vivo, um funcionário da empresa de televisão recebe as ligações dos interessados.

deslocamento do gado. Os animais que são vendidos nos leilões passam por todas essas baias. Os peões de manejo têm o papel de separar os animais nessas baias e deslocá-los conforme a ordem de chamada nos leilões.

O trabalho dos peões de manejo é bastante árduo porque nem todo leilão comercializa gado de elite (animais que participam de exposições). Muitas vezes, são leiloados lotes de gado comum, para corte. Esses animais, diferentemente daqueles que participam de várias feiras de pecuária, são mais ariscos, pouco acostumados com seres humanos.

Para deslocar esses animais até a pista dos leilões é necessário bastante força e certas vezes, brutalidade. O que ocorre é que o próprio manejo do gado de corte tem que ser feito de maneira mais bruta. Primeiramente porque esses animais não estão expostos nos pavilhões, eles chegam em grandes rebanhos num caminhão e descem diretamente nos bretes. Depois porque aos peões de manejo é designada a tarefa de separar os animais que vieram juntos em lotes (um conjunto de animais que será leiloadado de uma vez só), em ordem de apresentação nos leilões.

Se os tratadores de gado e os peões de manejo estão por trás das atividades ligadas aos negócios das exposições, os peões de rodeio ocupam outro papel. As feiras de pecuária não são apenas espaços para a comercialização e amostra dos mais premiados espécimes de animais, o lazer também tem bastante força .

Os peões de rodeio sabem lidar com o gado e grande parte deles tem vínculo com fazendas ou propriedades rurais. Muitos atuam como peões de manejo na ausência de trabalho em rodeios e até mesmo como tratadores de gado. Mas o fato é que os rodeios, nas feiras de pecuária, não são “tão de agronegócio” como os julgamentos e leilões.

Normalmente as arenas de rodeio ficam mais próximas dos parques de diversões e dos locais onde ocorrem os shows. Não fazem parte dos equipamentos “de negócios” de uma exposição. Uma grande feira de pecuária, certamente contará com leilões e julgamentos de animais na sua programação. Mas não necessariamente precisará promover rodeios.

Os rodeios têm o papel de atrair populações pouco – ou quase nada – envolvidas com a cadeia produtiva do agronegócio. Tem a função de chamar as populações das cidades para a festa que acontece nas feiras e com isso, manter o poder político das

associações de ruralistas⁸ que promovem esses eventos e da importância da pecuária como atividade econômica.

Mesmo sendo atividades de lazer, os rodeios não podem ser tipificados como outras atrações das feiras de pecuária (praças de alimentação, parque de diversões ou shows de música sertaneja). Primeiramente porque os rodeios exigem mão-de-obra especializada em eventos e animais (as companhias de rodeios) e depois porque no trabalho dos principais atores desse espetáculo – peões – é necessário saber lidar com o gado.

O trabalho dos peões de rodeio é bastante valorizado, primeiramente pelos rodeios serem as atividades mais conhecidas desses contextos – telenovelas e provas de montaria transmitidas por redes de televisão fizeram que o trabalho exercido por esses atores ganhasse grande repercussão -, depois porque os peões que conseguem ganhar muitas competições podem obter premiações que fazem com que esses atores consigam construir um patrimônio.

Os peões de rodeio são vaqueiros-atletas. . Os “cowboys” utilizam equipamentos de segurança como qualquer outro esportista. As luvas, esporas, botas, coletes, calças de couro são equipamentos indispensáveis para as montarias .

⁸ No fim da década de sessenta, os rodeios começaram a fazer parte da programação da exposição agropecuária de Campo Grande. Pesquisando em atas da Associação de Criadores do Sul de Mato Grosso informações sobre a história dessa feira agropecuária, encontrei documentos que relatavam discussões sobre a necessidade de disponibilizar para a população atividades de lazer nas exposições. As atas das reuniões da associação de criadores e as descrições dos resultados das feiras, mostram de que maneira disponibilizar esse tipo de atividade foi uma estratégia planejada para manter o poder político da associação. Nas primeiras feiras em Campo Grande (nas décadas de trinta, quarenta, cinquenta e sessenta) as atividades de lazer eram somente destinadas a membros da associação e autoridades, foi na década de setenta que shows e rodeios começaram a fazer parte desses eventos para atrair populações pouco vinculadas com a produção agropecuária. Nos dias de hoje, um fenômeno parecido ocorre. Somente os produtores rurais participam dos julgamentos e leilões, mas milhares de pessoas freqüentam feiras de pecuária. Mesmo que essas populações participem desses eventos para degustar guloseimas, brincar nos parques de diversões ou assistir aos shows e rodeios, estão participando de uma feira de pecuária. Mais do que isso! Com o objetivo de se divertir, ora ou outra numa exposição, essas populações irão entrar em contato com a idéia de agronegócio, com a produção da pecuária e com os feitos das organizações produtoras desses eventos – associações de ruralistas ou sindicatos rurais.

Nos rodeios acontece um sorteio para saber em qual touro os peões vão montar. Segundo um interlocutor bastante experiente, um peão de quarenta e cinco anos, nesses sorteios podem ocorrer fraudes na medida em que os organizadores dos rodeios podem privilegiar algum peão, “sorteando” touros mais difíceis de montar para outros vaqueiros.

Os peões têm que montar nos touros com uma das mãos presas a uma corda e outra livre, que preferencialmente deve permanecer na altura do chapéu. Um peão pode ganhar até cem pontos num rodeio, uma comissão julgadora composta por dois juízes, é quem dá nota à “performance” do peão.

Nesses eventos são sempre narradas trajetórias de peões de rodeio “que deram certo”. Em Londrina, por exemplo, o locutor contou a estória de um peão cuja alcunha é “Veião”. Segundo o locutor, esse peão que quebrou vários recordes, já ganhou mais de três milhões de reais. Hoje está nos Estados Unidos e disputa os maiores rodeios do mundo.

Mas nem todo peão de rodeio consegue fortunas. A maioria desses atores trabalha sem patrocínio e monta em provas de montaria que acontecem em pequenas cidades do interior do Brasil. No intervalo dessas provas, atuam como peões de manejo nas exposições e com serviços de vaqueiro em propriedades rurais.

4. Os peões da era do Agronegócio;

O “campo”, “o mundo rural” ganha um outro estatuto com o advento da tecnologia e com a força simbólica do Agronegócio. As feiras de pecuária, as manipulações genéticas, o espetáculo dos rodeios, as reses milionárias, as raças sintéticas criadas em laboratórios constituem novas redes e formas de sociabilidade.

Até o presente momento dessa pesquisa foi impossível contabilizar⁹ quantas feiras de pecuária acontecem no Brasil. Todas as cinco regiões brasileiras (Norte, Sul,

⁹ No site do Ministério da Agricultura, Agropecuária e Abastecimento estão oficialmente registrados oitocentos e cinquenta e seis eventos agropecuários. Creio que o calendário oficial de feiras e exposições agropecuárias do Governo Federal (Ministério da Agricultura, Agropecuária e Abastecimento) esteja bastante desatualizado. A exposição agropecuária de Campo Grande (Expogrande), por exemplo, não está cadastrada. Inúmeros estados – como os já citados MT e GO – não aparecem como detentores de nenhuma feira agropecuária. Pude perceber que cabe aos organizadores desses eventos apresentar as feiras e exposições e incluí-las na lista de eventos

Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste) possuem exposições agropecuárias. Cidades cuja vocação está pouco vinculada ao Agronegócio (como as cidade de Brasília – DF e Salvador – BA) possuem grandes e aclamadas “Pecuárias”.

Diversos atores percorrem todos esses eventos anualmente pelo Brasil. São jornalistas, produtores rurais, pesquisadores, funcionários públicos de secretarias e ministério da agricultura e pecuária, veterinários, geneticistas, leiloeiros e também peões.

Se vaqueiros , tradicionalmente, transportam gado pelos sertões, pantanais e cerrados brasileiros para o comércio entre fazendas, hoje, muitos, levam a vida nas constantes idas- e- vindas entre feiras agropecuárias. São tratadores de gado, peões de manejo e peões de rodeio cujo trabalho é essencial para o êxito desses eventos.

Esses peões chegam a viajar cerca de trinta vezes por ano. Passam mais tempo em cidades – onde são realizadas as feiras de pecuária – do que no campo. Conhecem o calendário das exposições de Agronegócio e sabem que assim que uma exposição de que participam terminar, se deslocarão para outra cidade onde acontece outra exposição.

O trabalho desses atores nesses contextos continua ligado aos animais, esses peões têm que saber lidar com as reses com habilidade e primazia. Mas a tecnologia e o Agronegócio exigem desses vaqueiros novos conhecimentos e práticas. Um bom peão que trabalha em feiras de pecuária precisa saber onde ocorrem os melhores leilões, rodeios e julgamentos, de que forma tratar animais confinados, como conduzir uma inseminação artificial, quanto custa uma rês aprimorada geneticamente.

Os vaqueiros que trabalham em feiras de pecuária continuam a fazer parte de um imaginário que os vincula com “o campo”, ainda são os “heróis do universo rural”. Têm um pouco do Vaqueiro Mariano de Rosa, dos cowboys de filmes “Western” interpretados por Jonh Wayne e também são como Victor Frankenstein – conhecem um pouco sobre ciência e cuidam de criaturas construídas em laboratórios.

agropecuários que ocorrem durante o ano. O Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio também publica anualmente um livro com o calendário de várias feiras e exposições. Nessa publicação existem eventos que não são de Agronegócio, existem desde feiras de artesanato até de bijuterias e construção civil. A publicação do ano de 2007 apresentava somente vinte e sete eventos agropecuários.

Bibliografia;

ALÉM, João Marcos. “Caipira e Country: a nova ruralidade brasileira”. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) ,1996 (mimeografado);

AMARAL, Rita. Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país que "não é sério". Versão para e-books - ebookbrasil.com (fonte digital) documento da autora; copyright: c 2001.

BANDUCCI JR. Álvaro. A natureza do pantaneiro: relações sociais, representações de mundo e o sobrenatural entre vaqueiros das fazendas de gado no "Pantanal da Nhecolândia". Tese de mestrado (USP) defendida em março de 1996. Versão do autor (2000). (mimeografado)

CÂNDIDO, Antônio. “Os parceiros do Rio Bonito”, Duas Cidades, 9^{ed} SP, 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. “Vaqueiros e Cantadores”. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984

DAVIS, J and GOLDBERG, R. “The Genesis and Evolution of Agribusiness”. In: DAVIS J; GOLBERG, R. “A concept of Agribusiness”. Harvard University, 1957.

LATOUR, Bruno. “Reassembling the Social” – An introduction to Actor-Network – Theory. Oxford University Press; New York, 2005.

LATOUR, Bruno. “Jamais Fomos Modernos”. Rio de Janeiro: Ed.34,1994

LEAL, Natacha Simeí. “A Festa da Cidade: Exposição Agropecuária como palco de celebração da sociedade e cultura campo-grandense”. Monografia de Graduação (UFMS). Versão do autor (2004). (mimeografado)

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na cidade”. 3^{ed}. São Paulo: Hucitec/ Unesp, 1998.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole”. In: "Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana". José Guilherme Cantor C. Magnani; Lílian de Lucca Torres. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, ANPOCS/ Edusc, vol.17,

n.49, jul/2002, p.11-29.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. “Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia”. 23 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Um diário no sentido estrito do termo**. Rio de Janeiro, Record, 1997.

MAYER, Adrian C. 1977. “**The significance of Quasi-grouns in the study of complex societies**”. In: S. W. Schmidt, L. Guasti, C. H. Landé & J. C. Scott (org.). Friends, Followers, and Factions: a Reader in Political Clientelism. Berkeley, Los Angeles e Londres: University of California Press. Pp. 43-54

NOGUEIRA, Néia. “**Festa do Peão de Boiadeiro: onde o Brasil se encontra**”. São Paulo, Ícone, 1989.

ROSA, João Guimarães. “**Entremeio com o vaqueiro Mariano**”. In: Ficção Completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

Outras Publicações

"Calendário Brasileiro de Exposições e Feiras". Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. Secretaria de Comércio e Serviços. Departamento de Políticas, Comércio e Serviços, Brasília, 2007.

“Revista USP” – O Brasil Rural. Nº64. Dezembro/2004, Janeiro/2005, Fevereiro/2005.